

Capitalização pouparia a receita da exportação para a ativação da economia

por Milton Wells
de Porto Alegre

O economista Paulo Lyra, ex-presidente do Banco Central, acredita que o atual comportamento da economia brasileira não vai permitir mais que "um crescimento medíocre pelo menos durante uma década e meia". Em entrevista concedida a este jornal, ele chamou também a atenção para a necessidade imperiosa de uma nova renegociação da dívida externa. "Se não houver modificações no processo de negociação, vamos continuar remetendo divisas para o exterior sem poder aplicar o saldo da balança comercial na reativação interna", afirmou.

Para ele, a recuperação da economia detectada em alguns segmentos, como o setor exportador, está rigorosamente dentro do programa definido pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), o que não deve causar surpresa a ninguém". O próprio crescimento do produto interno Bruto (PIB), de acordo com ele, poderá neste ano chegar a 1%, atingindo até 3% em 1985. "Isto, no entanto, não vai permitir o aumento da oferta de emprego, sendo mantido os atuais níveis de economia subterrânea", disse.

SOBERANIA

Preocupado com o superávit crescente da balança comercial e com a redução expressiva de entrada de capital de risco no País, Lyra propõe "um percurso de alto nível para a renegociação da dívida brasileira". Isto, segundo afirmou, se concretizaria através de uma postura do Brasil como País soberano, que passaria a capitalizar os juros da dívida. Retendo os recursos obtidos nas exportações, o governo teria condições de incrementar a economia brasileira, propondo ao mesmo tempo novas entradas de capital de risco. Com isso, o Brasil teria um



Paulo Lyra

ritmo de crescimento superior ao "crescimento medíocre atual", indo ao encontro daquilo que preocupa os próprios banqueiros internacionais, que estarão reunidos em Nova York na próxima semana para examinar o desempenho das economias dos países devedores. "Quando se sentar à mesa com os investidores, o governo brasileiro levantaria a questão da remessa de lucros, que hoje estabelece tributação acima de 12% sobre o capital investido. Seria feito um ajuste dos 12% aos novos índices das taxas de juros internacionais, que poderiam chegar a pelo menos 24%", diz Lyra.

Ele acredita que a partir desta proposta, as multinacionais trariam mais recursos, com efeitos positivos no desempenho do PIB, que poderia alcançar uma taxa de até 7%. "O Brasil, então, teria fôlego para pagar, determinando como vai pagar. Se isto não for feito, vamos continuar a ser para sempre um país subdesenvolvido, com crescimento medíocre e grande índice de desemprego." A negociação nos termos propostos seria facilmente reconhecida pelos países devedores, na medida em que seriam calculados os riscos e os benefícios da iniciativa, segundo afirmou.